

EM BUSCA DE IARA (2014), de Flavio Frederico
Julia Porchat Knudsen¹

Em Busca de Iara, de Flavio Frederico, é um documentário que acompanha Mariana Pamplona, também roteirista do filme, em uma investigação pessoal sobre o passado de sua tia Iara Iavelberg, companheira de Lamarca e assassinada aos 27 anos de idade em uma emboscada pelos agentes da repressão em agosto de 1971. A versão oficial da ditadura é que Iara teria se suicidado com um tiro no peito quando encurralada pela polícia. É produzido pela Kinoscópio, da qual Flavio é sócio com Mariana, e lançado em 2014.

O filme é composto pelo depoimento de pessoas que cruzaram a vida de Iara de alguma maneira. Além disso, são usados materiais de arquivo, como fotos e vídeos, e documentos oficiais da ditadura relacionados às operações que envolviam Iara e Lamarca. A sobrinha reconstitui o caminho percorrido pela tia em momentos importantes de sua vida, guiando o espectador pela trajetória de vida de Iara e pela reconstituição de sua morte passo a passo, a fim de descobrir a verdade. Vemos Mariana muitas vezes em cena, que conduz a narração em primeira pessoa.

Iara Iavelberg era judia, de família abastada e paulistana. É enfatizado em vários depoimentos que Iara era vaidosa, muito bonita, de personalidade forte, comunicativa e muito inteligente. De certa maneira, a figura de Iara é idealizada por sua sobrinha através da seleção de depoimentos que exaltam com vigor suas características encantadoras. Iara começou a namorar aos 16 anos com um médico judeu de família abastada, e casou-se em um casamento arranjado. Aos 18 anos, entrou na faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo, na época no mesmo prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, encontrando um ambiente efervescente cultural e intelectualmente. Através desse contato, Iara mudou muito. Divorciou-se e passou a ser militante do movimento estudantil. Com a instauração do Regime Militar (1964-1985), Iara entrou para a luta armada clandestina. Ela militou na Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8). Foi para o Vale do Ribeira integrar um foco da guerrilha, e lá conheceu Carlos

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar” (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em 2016.

Lamarca, ex-capitão do exército. Ele e Iara se apaixonaram e viveram um romance que durou até a morte dela.

É enfatizado no documentário que a relação dos dois foi um grande amor. São expostas correspondências trocadas pelos dois com relatos emocionantes. "As sugestões de Iara eram as decisões de Lamarca" é uma frase dita no filme, que expressa a ligação dos dois: em depoimentos diversos é consenso que Iara introduziu o estudo de teoria e política revolucionária, marxista e de esquerda para o homem prático que era inicialmente Lamarca. Juntos, eles foram talvez o casal mais procurado pela ditadura. Mariana inclusive não tem o sobrenome de Iara pois seus pais temiam alguma represália. Depois que Iara foi morta, os militares esconderam esse dado por quase um mês na tentativa de atrair Lamarca, e quando conseguiram matá-lo, divulgaram as duas mortes juntas, como se tivessem ocorrido simultaneamente, para desestabilizar a organização guerrilheira do MR-8.

Acompanhamos Mariana na reconstituição da morte de Iara, que ocorreu no apartamento 201 de um prédio no bairro de Pituba, em Salvador, 1971. Mariana entra no apartamento, entrevista vizinhos e familiares, e chega a uma versão muito diferente do suicídio oficial. Os militares teriam invadido o apartamento onde Iara estava e prendido seus companheiros. Ela teria conseguido fugir para o apartamento do lado. Lá, teria se deparado com um morador, que avisou a polícia que ela estava lá. Iara se trancou no banheiro e, após um tempo, disse que se renderia. Quando saiu do banheiro, foi assassinada com vários tiros, sendo o mais controverso o tiro que recebeu exatamente no meio do peito, pois contrariava a tese do suicídio. Essa discussão é feita enquanto vemos fotografias publicadas no jornal e do obituário do corpo de Iara.

Mariana entrevistou o legista Lamartine Lima, colega do legista Charles Pittex, responsável à época pelo laudo de Iara. Ele defende o companheiro e a versão do auto-disparo. Em 2003, a família conseguiu direito à exumação do corpo, o que gerou um novo laudo pelo legista Daniel Munhoz, da USP. Ele concluiu, pelo impacto do tiro na pele de Iara, que o disparo teria que ter acontecido à distância, inviabilizando a tese do suicídio. Com esse laudo, a família conseguiu que seus restos mortais fossem retirados da ala em que são enterrados os suicidas no Cemitério Israelita de São Paulo, proporcionando o enterro digno da maneira desejada desde o início.

O filme recebeu menção honrosa de longa metragem no festival "É Tudo Verdade" de 2013. Passou também no Festival do Rio 2013 na mostra "Première Brasil: Retratos – longas",

mostra não competitiva dedicada a documentários brasileiros sobre grandes nomes da história e cultura do país.

Além desse circuito de festivais, recebeu a seguinte crítica na revista *Veja São Paulo*², pelo crítico Miguel Barbieri Jr:

Repleto de imagens e fotos de época, o filme parece, à primeira vista, apenas um registro pessoal, sobretudo por ser narrado pela sobrinha da biografada. Seu alcance, contudo, é mais amplo. Entremeado à trajetória de Iara, descortina-se um eficiente painel sobre os anos de chumbo no Brasil.

O filme de Flávio e Mariana integra um conjunto de filmes passíveis de serem chamados “da segunda geração”; filmes feitos por parentes de vítimas de ditaduras militares latino-americanas e que de alguma maneira resgatam ou reconstroem a memória histórica e familiar em busca de verdades ou mesmo informações sobre a própria família, negadas a eles pela ditadura. É também o caso de *Marighella* (2013), dirigido por sua sobrinha Isa Grinspum, *Diário de Uma Busca* (2010), de Flávia Castro, filha do militante de esquerda Celso Castro e de muitos outros filmes que abordam esse tema. É de certa maneira uma categoria.

Fernando Seliprandy, historiador e pesquisador da Universidade de São Paulo sobre o tema da Ditadura Militar e Audiovisual, escreveu um artigo³ abordando essa segunda geração à partir do filme *Los rubios* (Os loiros, 2003), de Albertina Carri, cujos pais desapareceram na ditadura argentina. A seguinte relação feita por ele no artigo se aplica ao filme *Em Busca de Iara*, e a essa geração de descendentes:

Como escreveu Oscar Terán, “a herança não é algo dado de uma vez e para sempre. A herança é uma tarefa [...]. Herdar signi!ca recuperar, mas também selecionar. Herdar é a única possibilidade de criar, criticar, progredir. Só quem tem uma herança pode escolher desvincular-se dela.” (TERÁN, 2000, tradução nossa, n.p.) A memória de segunda geração deve ser pensada não apenas no sentido de um legado que vem do passado, mas também de um resgate pleno de atualidade. Ela não é um dom (ou um fardo) que se transmite espontaneamente, avançando de mão em mão pela sucessão das gerações. É, antes, algo difuso ligado ao passado e que, ainda assim, insiste-se em agarrar desde o presente.

² BARBIERI Jr., Miguel. "Em Busca de Iara, resenha por Miguel Barbieri Jr. (Brasil, 2014)". Site *Veja São Paulo Cinema*. Disponível em <http://vejasp.abril.com.br/atracao/em-busca-de-iaara>, acesso 23/10/2016

³ SELIPRANDY, Fernando. “Los rubios e os limites da noção de pós-memória”. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v. 42, n. 44, p. 120-141, 2015.

É importante a colocação de Seliprandy que aborda a atualidade desses filmes: a primeira vista podem parecer presos ao passado, mas lembrar e descobrir o paradeiro dos que resistiram, trazer à tona informações antes obscuras não é puramente uma busca pela verdade e justiça, mas também uma ressignificação de nossa história nacional e de seus protagonistas, uma nova possibilidade de socialmente superar o trauma de ter vivido um período tão profundamente violento.